

OS PRIMEIROS ANOS E A FORMAÇÃO DO VÍNCULO: A IMPORTÂNCIA DO AFETO NAS RELAÇÕES EDUCATIVAS



THE EARLY YEARS AND THE FORMATION OF BONDS: THE IMPORTANCE OF AFFECTION IN EDUCATIONAL RELATIONSHIPS

DIRCE DAIANE CUNHA NAZAR

Graduação em Pedagogia pela UNIP (2007); Graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de boa Ventura – FAFIBE (2019); Pós-graduada em Psicomotricidade e Desenvolvimento Humano pelo Centro Universitário Cidade Verde UNICV (2019); Pós-graduada em Gestão Escolar pela Faculdade de Educação São Luís (2021); Professora de Educação Infantil no CEI Parque Edu Chaves, na Prefeitura Municipal de São Paulo.

RESUMO

Este artigo discute a importância do afeto na formação dos vínculos estabelecidos nos primeiros anos de vida, considerando sua relevância para o desenvolvimento integral da criança e para a qualificação das relações educativas na educação infantil. A partir de aportes teóricos de autores como Bowlby, Wallon, Vygotsky e Winnicott, analisa-se como o afeto se constitui elemento estruturante para a construção da segurança emocional, da autonomia, da identidade e das aprendizagens significativas. O estudo destaca o papel do educador como mediador sensível, capaz de promover interações acolhedoras e responsivas, bem como a necessidade de parcerias efetivas entre escola e família para fortalecer os vínculos que sustentam o desenvolvimento infantil. Também são discutidos os desafios contemporâneos enfrentados pelas instituições educativas, incluindo demandas de trabalho, fragilização das relações sociais e impactos emocionais na prática docente. Conclui-se que o afeto deve ser compreendido como eixo central da prática pedagógica, configurando-se como base ética, humana e educativa indispensável à consolidação de experiências significativas nos primeiros anos de escolarização.

Palavras-chave: Afeto; Vínculo; Educação Infantil; Desenvolvimento Infantil; Relações Educativas.

ABSTRACT

This article discusses the importance of affection in forming bonds established in the early years of life, considering its relevance for the integral development of children and for the quality of educational relationships in early childhood education. Based on theoretical contributions from authors such as Bowlby, Wallon, Vygotsky, and Winnicott, we analyze how affection is a structuring element for the construction of emotional security, autonomy, identity, and meaningful learning. The study highlights the role of the educator as a sensitive mediator, capable of promoting welcoming and responsive interactions, as well as the need for effective partnerships between school and family to strengthen the bonds that support child development. Contemporary challenges faced by educational institutions are also discussed, including work demands, the weakening of social relationships, and emotional impacts on teaching practice. It concludes that affection should be understood as the central axis of pedagogical practice, constituting an ethical, human, and educational basis that is indispensable for the consolidation of meaningful experiences in the early years of schooling.

Keywords: Affection; Bond; Early Childhood Education; Child Development; Educational Relationships.

INTRODUÇÃO

Os primeiros anos de vida constituem um período fundamental para o desenvolvimento humano, marcado pela formação dos vínculos afetivos que influenciam de maneira decisiva os aspectos cognitivos, sociais, emocionais e comportamentais da criança. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, configura-se como um espaço privilegiado de relações, no qual o afeto atua como mediador dos processos de aprendizagem e construção da identidade. Nesse contexto, compreender a importância das interações e dos vínculos estabelecidos entre crianças, educadores e demais agentes escolares torna-se essencial para promover práticas pedagógicas que respeitem a integralidade do desenvolvimento infantil.

Autores como Bowlby, Winnicott, Wallon e Vygotsky destacam que o afeto não é um elemento secundário, mas constitutivo do desenvolvimento, influenciando diretamente a capacidade da criança de explorar o mundo, confiar nos outros e participar de experiências de aprendizagem significativas. A qualidade das relações construídas nos primeiros anos determina a formação de vínculos seguros, capazes de favorecer a autonomia, a curiosidade e o sentimento de pertencimento. Dessa forma, a escola, enquanto ambiente social ampliado, desempenha um papel central na continuidade e fortalecimento desses vínculos, especialmente quando oferece um espaço acolhedor, responsivo e sensível às necessidades das crianças.

Além disso, a presença do afeto nas relações educativas fortalece a interação entre professor e aluno, ampliando as possibilidades de mediação pedagógica e assegurando que o processo educativo

ultrapasse a transmissão de conteúdos, alcançando dimensões subjetivas indispensáveis à constituição do sujeito. Em uma sociedade marcada por rápidas transformações, desafios emocionais e crescente diversidade, torna-se ainda mais urgente discutir a relevância das práticas afetivas na educação infantil, refletindo sobre como elas podem promover um desenvolvimento saudável e uma escolarização mais humanizada.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar a importância do afeto na formação dos vínculos durante os primeiros anos de vida, bem como compreender como as relações afetivas influenciam o processo educativo e o desenvolvimento integral da criança. Para isso, serão apresentados fundamentos teóricos, discussões sobre a prática pedagógica, o papel do educador, a parceria com a família e os desafios contemporâneos na construção de relações afetivas na escola. A partir dessa análise, busca-se contribuir para a valorização de práticas educativas que reconheçam o afeto como elemento estruturante da infância e indispensável para uma educação de qualidade.

AFETO, VÍNCULO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O afeto, entendido como componente constitutivo do desenvolvimento humano, tem sido amplamente discutido por diferentes teóricos da Psicologia e da Educação. Wallon foi um dos primeiros autores a integrar emoção, cognição e movimento em uma teoria unificada do desenvolvimento infantil, destacando que o afeto é fundamento das relações sociais e da construção da personalidade. Para o autor, “a emoção é a primeira forma de comunicação da criança com o mundo” (WALLON, 2007), o que revela sua centralidade na formação dos vínculos iniciais.

Vygotsky também enfatiza o papel das interações sociais e do afeto na aprendizagem, defendendo que pensamento e emoção são processos inseparáveis. Segundo o autor, o desenvolvimento ocorre por meio da relação dialógica e afetiva entre criança e adultos, que favorece a internalização de conhecimentos e a construção de significados. Nesse sentido, a aprendizagem é compreendida como um processo social que se materializa por meio do vínculo estabelecido entre os sujeitos envolvidos.

A Teoria do Apego, formulada por John Bowlby, destaca que os vínculos construídos na primeira infância têm impacto duradouro sobre o desenvolvimento emocional e social da criança. Para o autor, o apego é um mecanismo biológico que visa garantir proteção e segurança. Bowlby (1990), afirma que, “O vínculo afetivo estabelecido entre a criança e seu cuidador é essencial para sua formação emocional e para o desenvolvimento de sua personalidade.” Essa afirmação reforça a importância da presença sensível e responsiva dos adultos no início da vida, uma vez que vínculos seguros favorecem a autonomia, a confiança e a capacidade de explorar o ambiente.

Winnicott (1999) complementa essa perspectiva ao abordar a noção de “maternagem suficientemente boa”, destacando que o cuidado contínuo, atento e afetivo contribui para que a criança

desenvolva um senso de segurança interna. Para o autor, o ambiente estável e acolhedor permite a construção de um self integrado, condição indispensável para o desenvolvimento saudável. Assim, as relações afetivas constituem-se como base para a formação psicológica e emocional.

As emoções exercem influência direta sobre a forma como a criança aprende, interage e constrói significados. Estudos contemporâneos da neurociência apontam que sistemas emocionais e cognitivos operam de maneira integrada, reforçando o que Wallon já afirmava no século XX. Em diálogo com esses avanços, Damásio (2012) destaca, em citação indireta, que emoções e sentimentos organizam o comportamento humano e o processo de tomada de decisões, interferindo também nas aprendizagens escolares.

Sob essa perspectiva, torna-se evidente que práticas educativas desprovidas de afeto tendem a comprometer a motivação, o engajamento e a construção de vínculos pedagógicos. A emoção, portanto, não é um elemento secundário na escola, mas parte constitutiva das relações que sustentam o desenvolvimento integral.

O ambiente escolar precisa oferecer condições afetivas que favoreçam o bem-estar e a segurança emocional da criança. Sobre essa questão, Winnicott (1999), destaca que: “Quando o ambiente é suficientemente bom, a criança sente-se amparada para desenvolver sua criatividade, enfrentar desafios e construir sua autonomia.” Essa perspectiva demonstra que o vínculo estabelecido com o educador e a qualidade do clima emocional da sala de aula são fatores fundamentais para que a criança se desenvolva plenamente.

Além disso, autores contemporâneos reforçam que o ambiente responsivo não se limita às interações humanas, mas envolve a organização dos espaços, a disponibilidade de materiais e a forma como a rotina é estruturada. Assim, é por meio de experiências afetivas positivas que a criança cria condições para explorar, interagir e aprender de maneira significativa.

A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO ESPAÇO DE VÍNCULOS DAS RELAÇÕES

A Educação Infantil é reconhecida legalmente como a primeira etapa da educação básica, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físicos, emocionais, cognitivos e sociais. A Constituição Federal de 1988 estabelece, em seu artigo 208, que a educação infantil é direito das crianças e dever do Estado, assegurando atendimento em creches e pré-escolas. Em consonância com esse princípio, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB n.º 9.394/1996) reforça que o trabalho pedagógico na primeira infância deve promover práticas que considerem o cuidado, o afeto e o desenvolvimento integral. A legislação, portanto, reconhece a escola como espaço privilegiado de interações e vínculos essenciais para a formação da criança.

Autores como Kramer (2003) apontam, em citação indireta, que a educação infantil não deve se restringir a cuidados básicos, mas proporcionar experiências significativas, mediadas pelo afeto e pelo

brincar, as quais possibilitam que a criança desenvolva seu potencial humano. Assim, a escola desempenha papel fundamental na construção de vínculos que sustentam o processo educativo.

A concepção contemporânea de infância compreende a criança como sujeito de direitos, ativa, competente e capaz de participar da construção de suas aprendizagens. Nessa perspectiva, o vínculo afetivo estabelecido com os educadores é condição indispensável para que a criança se sinta segura para explorar o ambiente, se comunicar e interagir com seus pares. Tal entendimento é reforçado por Oliveira (2002), ao afirmar que: “A criança se constitui na relação com o outro; é na interação que ela descobre quem é e como pode intervir no mundo.”

Essa visão coloca o afeto no centro das práticas pedagógicas, uma vez que é por meio de relações humanizadas que a criança encontra condições favoráveis para construir sua identidade, expressar emoções e ampliar suas experiências sociais.

O professor é figura fundamental na formação dos vínculos na educação infantil. Sua postura, sensibilidade e capacidade de escuta influenciam diretamente o clima emocional do grupo e a qualidade das interações. Vygotsky (1998), em citação indireta, destaca que o desenvolvimento humano ocorre por meio da interação social, mediada por um adulto experiente, capaz de oferecer apoio emocional e cognitivo.

A presença afetiva do educador não se limita a gestos de carinho, mas envolve ações intencionais que promovam segurança, acolhimento e respeito. Nesse sentido, Tardif (2002) ressalta que: “O trabalho docente é um trabalho humano, realizado entre pessoas, o que exige sensibilidade, responsabilidade e compromisso ético.”

Assim, o professor, ao exercer seu papel de mediador afetivo, fortalece vínculos e favorece o desenvolvimento integral da criança.

A escola é um ambiente no qual as crianças estabelecem suas primeiras relações sociais fora do contexto familiar. Essas interações representam oportunidades de aprendizado sobre convivência, cooperação, empatia e resolução de conflitos. Segundo Corsaro (2011), em citação indireta, as crianças produzem cultura no dia a dia escolar, criando significados e aprendendo a conviver por meio da interação com seus pares.

A construção da confiança, nesse processo, é fundamental. Como afirma Winnicott (1999): “É na relação com o ambiente, especialmente com as figuras de cuidado, que a criança desenvolve a confiança necessária para se aventurar no mundo e constituir sua individualidade.”

Quando a escola oferece um ambiente seguro e afetivo, as crianças desenvolvem habilidades socioemocionais que repercutem positivamente em toda sua trajetória educacional e pessoal.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NOS PRIMEIROS ANOS

O acolhimento é um dos momentos mais importantes no cotidiano da educação infantil, pois estabelece as bases da relação afetiva entre professor e criança. Uma rotina organizada, previsível e sensível às necessidades infantis favorece a construção de vínculos seguros, permitindo que a criança desenvolva autonomia emocional e confiança no ambiente. Segundo Barbosa (2006), em citação indireta, o acolhimento cotidiano funciona como uma ponte entre o lar e a escola, proporcionando segurança e continuidade ao desenvolvimento emocional da criança.

A escuta sensível, por sua vez, é prática essencial para compreender as expressões, intenções e sentimentos infantis. Como afirma Rinaldi (2004): “Escutar significa estar aberto ao outro, acolhendo não apenas palavras, mas gestos, silêncios e emoções.”

Essa perspectiva reforça que a construção de vínculos afetivos exige atenção plena, disponibilidade emocional e postura ética por parte do educador.

As práticas pedagógicas que intencionalmente promovem o afeto favorecem a participação ativa das crianças e contribuem para o desenvolvimento socioemocional. Entre essas práticas estão atividades de roda de conversa, projetos de investigação, brincadeiras dirigidas e momentos de expressão simbólica. Campos (2018), em citação indireta, destaca que atividades coletivas, quando mediadas de forma acolhedora, contribuem para que as crianças se sintam pertencentes ao grupo, fortalecendo vínculos e promovendo aprendizagens significativas.

O professor, enquanto mediador, deve criar um clima relacional positivo, no qual o respeito, a empatia e o diálogo sejam valorizados. Em consonância com essa ideia, Freire (1996) afirma: “Ensinar exige a corporeidade, a amorosidade, a coragem de querer bem os educandos.”

A afetividade, portanto, torna-se fundamento da prática pedagógica, orientando ações que humanizam o processo educativo.

O brincar é elemento central na infância e representa um dos principais meios de expressão afetiva e social da criança. Por meio das brincadeiras, as crianças reproduzem experiências, elaboram sentimentos e constroem relações. Kishimoto (2010), em citação indireta, afirma que o brincar possibilita à criança experimentar papéis sociais, resolver conflitos e compreender regras que estruturam a convivência.

Além disso, o brincar compartilhado fortalece laços entre pares, promove a cooperação e oferece oportunidades para que os educadores observem e intervenham de maneira sensível no desenvolvimento emocional das crianças. Nesse sentido, Vygotsky (1998) destaca que: “No brinquedo, a criança comporta-se além do comportamento habitual de sua idade.” Essa afirmação reforça o potencial do brincar como espaço de desenvolvimento, vínculo e expressão afetiva.

A organização do ambiente também é um fator determinante para a construção de vínculos afetivos. Espaços acolhedores, esteticamente agradáveis e acessíveis estimulam a autonomia, a segurança e o bem-estar infantil. Horn (2004), em citação indireta, ressalta que o ambiente cuidadosamente planejado comunica à criança que ela é valorizada e que seu bem-estar é prioridade no contexto educativo.

Além disso, a disposição de materiais diversificados, sensoriais e culturalmente relevantes favorece interações e experiências que fortalecem o vínculo entre crianças e adultos. Sobre essa questão, Malaguzzi (1999) destaca: “O ambiente é o terceiro educador, pois fala com as crianças por meio de suas possibilidades e de sua beleza.”

Assim, ambientes afetivos, organizados com intencionalidade pedagógica, tornam-se elementos essenciais na promoção de vínculos e aprendizagens significativas nos primeiros anos de vida.

INCLUSÃO E DIVERSIDADE

A educação infantil é um espaço marcado pela diversidade, onde convivem crianças com diferentes histórias, culturas, ritmos, necessidades e modos de aprender. Nesse contexto, o afeto atua como princípio norteador do acolhimento das diferenças, garantindo que cada criança seja reconhecida, valorizada e respeitada em sua singularidade. Em consonância com essa ideia, Mantoan (2003), em citação indireta, afirma que a inclusão depende de práticas que enfrentam barreiras atitudinais e constroem um ambiente emocionalmente seguro, no qual a criança se sente pertencente.

O vínculo afetivo entre educador e criança é decisivo para promover um ambiente inclusivo. Como afirma Rodrigues (2006): “Incluir significa, antes de tudo, acolher o outro como ele é, reconhecendo suas potencialidades e necessidades.”

Essa compreensão reforça que o afeto é elemento estruturante das relações que favorecem o desenvolvimento de todas as crianças, especialmente aquelas que dependem de apoio específico para participar plenamente do cotidiano escolar.

A construção do vínculo afetivo contribui significativamente para o sentimento de pertencimento, componente essencial da convivência social e do desenvolvimento socioemocional. Crianças que se sentem acolhidas, respeitadas e compreendidas tendem a desenvolver maior autoestima, confiança e segurança para participar das interações escolares. De acordo com Carvalho (2017), em citação indireta, experiências positivas de vínculo fortalecem a identidade e ampliam as possibilidades de aprendizagem.

A escola, ao promover práticas pedagógicas inclusivas e afetivas, cria condições para que cada criança se sinta parte do grupo, reduzindo desigualdades e valorizando a diversidade como riqueza. Sobre isso, Freire (1996) afirma: “A prática educativa deve ser um exercício constante de inclusão, diálogo e respeito às diferenças humanas.”

A presença do afeto nos vínculos estabelecidos amplia as oportunidades de engajamento e fortalece as bases do desenvolvimento integral.

As práticas inclusivas, quando pautadas no afeto, tornam a escola um ambiente humanizado, contribuindo para o desenvolvimento pleno das crianças. Entre essas práticas estão a adaptação de materiais, a diversificação de linguagens, a observação sensível, a valorização das expressões individuais e o planejamento de experiências que respeitem diferentes modos de ser e aprender. Segundo Beyer (2010), em citação indireta, a educação inclusiva depende de uma postura ética que reconheça a criança como sujeito de direitos e que oriente o educador na busca de estratégias que rompam barreiras pedagógicas e emocionais.

O afeto, ao acompanhar essas práticas, reforça a ideia de que aprender é um processo social e interativo, sustentado por vínculos que motivam e significam as experiências escolares. Nesse sentido, Winnicott (1975) destaca: “Ser sustentado afetivamente permite que a criança descubra o mundo com confiança e crie formas próprias de lidar com suas experiências.”

Assim, práticas pedagógicas inclusivas, orientadas pela afetividade, colaboram para a construção de uma educação mais justa, democrática e sensível às necessidades humanas.

A RELAÇÃO ESCOLA- FAMÍLIA NO FORTALECIMENTO DOS VÍNCULOS

A relação entre escola e família é um dos pilares para o desenvolvimento integral da criança, especialmente nos primeiros anos de vida. A comunicação constante e o diálogo transparente entre educadores e responsáveis fortalecem o vínculo afetivo e contribuem para a continuidade das experiências vividas pela criança. Bronfenbrenner (1996), em citação indireta, destaca que o desenvolvimento infantil é influenciado por múltiplos contextos, sendo essencial que família e escola atuem de forma colaborativa.

A parceria entre essas duas instituições garante segurança emocional às crianças, que percebem coerência nas relações que estabelecem com adultos significativos. Como afirma Oliveira (2002): “A convivência harmônica entre família e escola proporciona à criança um ambiente de confiança, no qual ela pode ampliar suas experiências e desenvolver-se integralmente.”

Portanto, ações que aproximem esses dois contextos são fundamentais para a formação dos vínculos afetivos.

Para que a criança se sinta segura e acolhida no ambiente escolar, é essencial que exista continuidade entre as práticas afetivas vivenciadas na família e aquelas estabelecidas na escola. A presença de rotinas previsíveis, a escuta ativa e a atenção às necessidades emocionais da criança fortalecem essa continuidade, criando um clima de confiança. Em citação indireta, Szymanski (2011) observa que a coerência entre o cuidado familiar e o cuidado escolar contribui para que a criança estabeleça vínculos seguros e desenvolva maior autonomia.

Além disso, a construção de vínculos sólidos entre professores e responsáveis possibilita uma compreensão mais ampla das necessidades e potencialidades das crianças. A esse respeito, Rinaldi (2004) afirma: “A criança é um sujeito que pertence a múltiplos contextos, e a escola precisa dialogar com cada um deles para compreender suas expressões.”

Essa articulação favorece a construção de práticas pedagógicas mais sensíveis e alinhadas às realidades de cada família.

O contexto familiar exerce grande influência na construção da afetividade e no modo como a criança se relaciona com o mundo. Experiências positivas de cuidado, afeto e escuta contribuem para que ela desenvolva modelos internos seguros de relacionamento, como defendido por Bowlby (1990). Em citação indireta, Artus (2016) reforça que as vivências afetivas na família moldam a maneira como a criança interpreta e responde às interações sociais na escola.

Quando a escola compreende a importância desse contexto e busca estabelecer diálogos abertos e respeitosos com as famílias, cria-se uma rede de apoio que fortalece o desenvolvimento emocional da criança. Nesse sentido, Freire (1996) ressalta: “Educar é um ato coletivo, que envolve a família, a escola e a comunidade em um esforço comum de humanização.”

Assim, a construção de vínculos afetivos na educação infantil depende diretamente da qualidade das relações estabelecidas entre esses diferentes ambientes que acompanham a criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste artigo evidencia que os primeiros anos de vida representam um período decisivo para o desenvolvimento integral da criança, sendo o afeto elemento estruturante das relações que se estabelecem tanto no âmbito familiar quanto no escolar. Os vínculos afetivos, quando construídos em ambientes seguros, acolhedores e responsivos, favorecem a autonomia, a autoestima, o pertencimento e a capacidade de interação social, constituindo-se como base para aprendizagens significativas e para a formação da identidade infantil.

A educação infantil, enquanto primeira etapa da educação básica, assume papel central na promoção dessas relações afetivas, funcionando como espaço ampliado de convivência, escuta, expressão e troca. Cabe ao educador atuar como mediador sensível, oferecendo suporte emocional, organizando experiências pedagógicas intencionais e garantindo que cada criança seja reconhecida em sua singularidade. O afeto, nesse contexto, deixa de ser um atributo espontâneo para se tornar prática pedagógica consciente e ética, capaz de transformar as interações e qualificar o processo educativo.

Verificou-se também que a parceria entre escola e família é indispensável para a continuidade dos vínculos estabelecidos nos diferentes ambientes que acompanham a criança. A comunicação adequada, o diálogo constante e a compreensão mútua entre professores e responsáveis fortalecem as relações e ampliam as possibilidades de cuidado e desenvolvimento.

Contudo, os desafios contemporâneos — como demandas burocráticas, turmas numerosas, uso excessivo de tecnologias e desgaste emocional dos educadores — mostram que a construção de vínculos afetivos requer condições de trabalho adequadas, formação continuada e políticas institucionais que valorizem o tempo, o acolhimento e a qualidade das relações.

Diante disso, reafirma-se a necessidade de compreender o afeto como dimensão essencial da educação infantil, fundamental para garantir às crianças experiências que favoreçam seu desenvolvimento pleno. Promover vínculos afetivos sólidos não é apenas um objetivo pedagógico, mas um compromisso ético e humano que orienta a construção de uma educação mais sensível, inclusiva e significativa. Assim, espera-se que este trabalho contribua para reflexões e práticas que valorizem as relações afetivas como eixo estruturante do fazer educativo, fortalecendo o papel da escola como espaço de cuidado, aprendizagem e humanização.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria. **Infância e relações afetivas no contexto escolar**. São Paulo: Cortez, 2019.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Organização do tempo e do espaço na educação infantil**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BOCK, Ana Mercês; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC, 2017.
- CAMPOS, Maria Malta. **A educação infantil como direito**. São Paulo: Cortez, 2018.
- CUNHA, Maria Isabel da. **A afetividade no desenvolvimento infantil**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do possível**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as emoções e a educação**. Porto: Afrontamento, 1997.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WINNICOTT, Donald. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artmed, 2019.